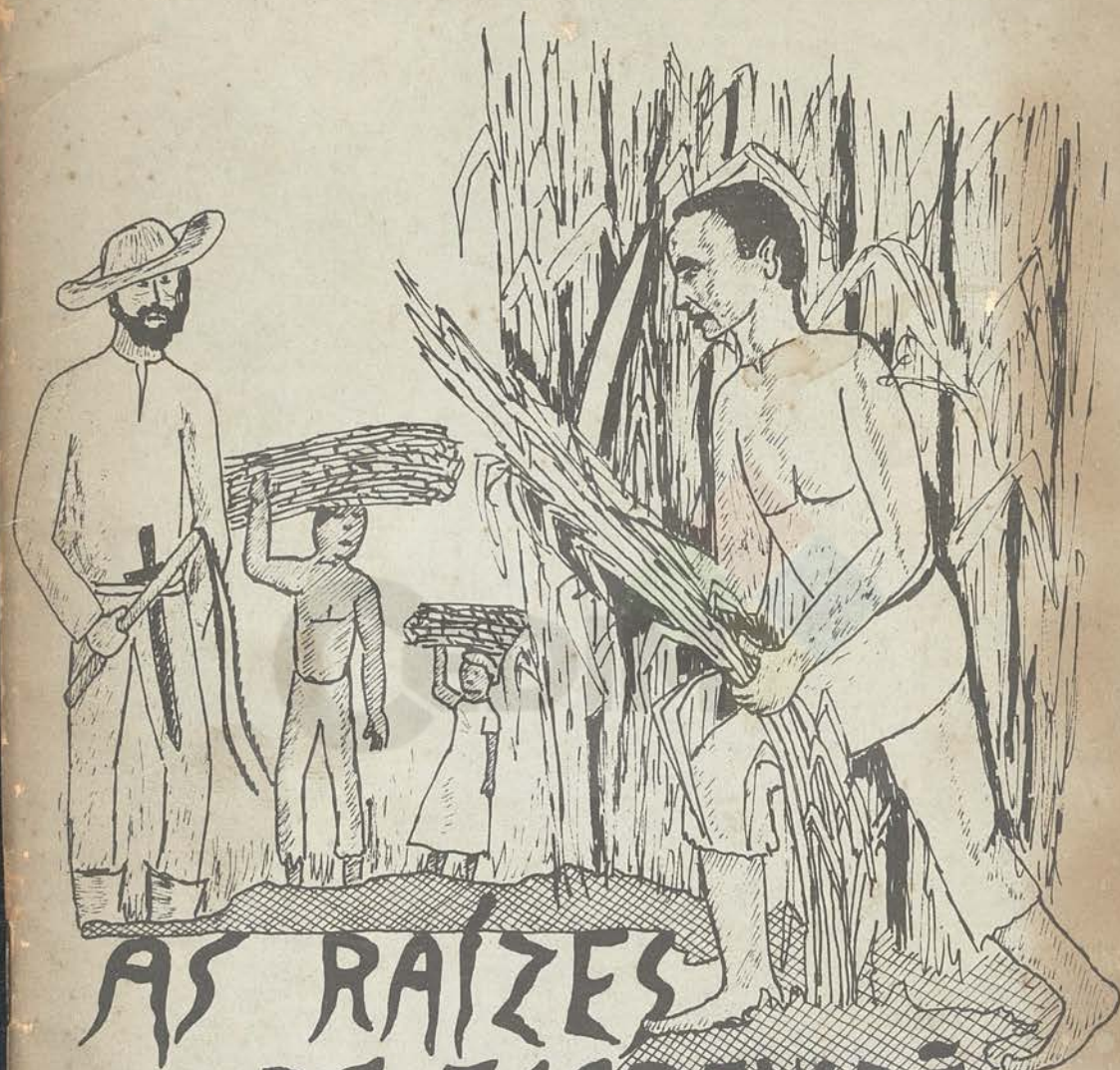


FICHA DE META DADOS – CEDIM 2019/2	
Nome da Pasta	AS_RAÍZES_DA_ESCRAVIDÃO_CÚRIADIOCESANADENOVAIGUAÇU
Autor/Instituição	Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, RJ.
Número de Documentos	1
Quantidade e tipo de documentação	Livreto. Total de páginas: 27
Dia/ Mês/Ano	1982
Formato	A4
Resumo	Publicado por “Edições Paulinas” no ano de 1982 e conservado pela Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, este conjunto documental contempla a série “Caminhos da Escravidão”, edição nº2, com o tema “As raízes da escravidão.”
Palavras-Chave	Escravidão; História; Cúria; Diocese; Nova Iguaçu.
Notas explicativas	-

SÉRIE CAMINHOS DE ESCRAVIDÃO



AS RAÍZES
DA ESCRAVIDÃO

ep

Nº 2

CE
DIM

As Raízes



Esclavidão

Série Caminhos de Esclavidão

CEHILA

AS RAÍZES DA ESCRavidÃO

2ª edição, revista

Edições Paulinas

OBSERVAÇÃO: Constando a obra de seis livretes (três de *Caminhos de Escravidão* e três de *Caminhos de Libertação*), nenhum deles pode ser tomado isoladamente sem prejudicar a compreensão total.

Texto

Jorge Pereira Lima

Desenhos

Paulo Maria Tonucci

Revisão da 2ª edição

CEHILA — Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina

EDIÇÕES PAULINAS

Rua Dr. Pinto Ferraz, 183
04117 — São Paulo — SP (Brasil)
End. telegr.: PAULINOS

© Edições Paulinas, São Paulo, 1982

APRESENTAÇÃO

Este poema de cordel lançado para todo o Brasil por Edições Paulinas com o título sugestivo de *Raízes da Escravidão*, é da autoria do cantador sergipano, Jorge Pereira Lima, residente no município de Porto da Folha, diocese de Propriá, onde é também “Ministro da Evangelização” pelo verso. Jorge sabe fazer da sua poesia de cordel um veículo de conscientização dos mais eficientes e tem uma verdadeira coleção de versos populares, muitos dos quais espalhados e cantados por todo o Brasil. Basta citar o “Eu acredito que o mundo será melhor”, verdadeira obra-prima de poesia popular, com uma melodia tão nordestina que tem sabor de canto-chão.

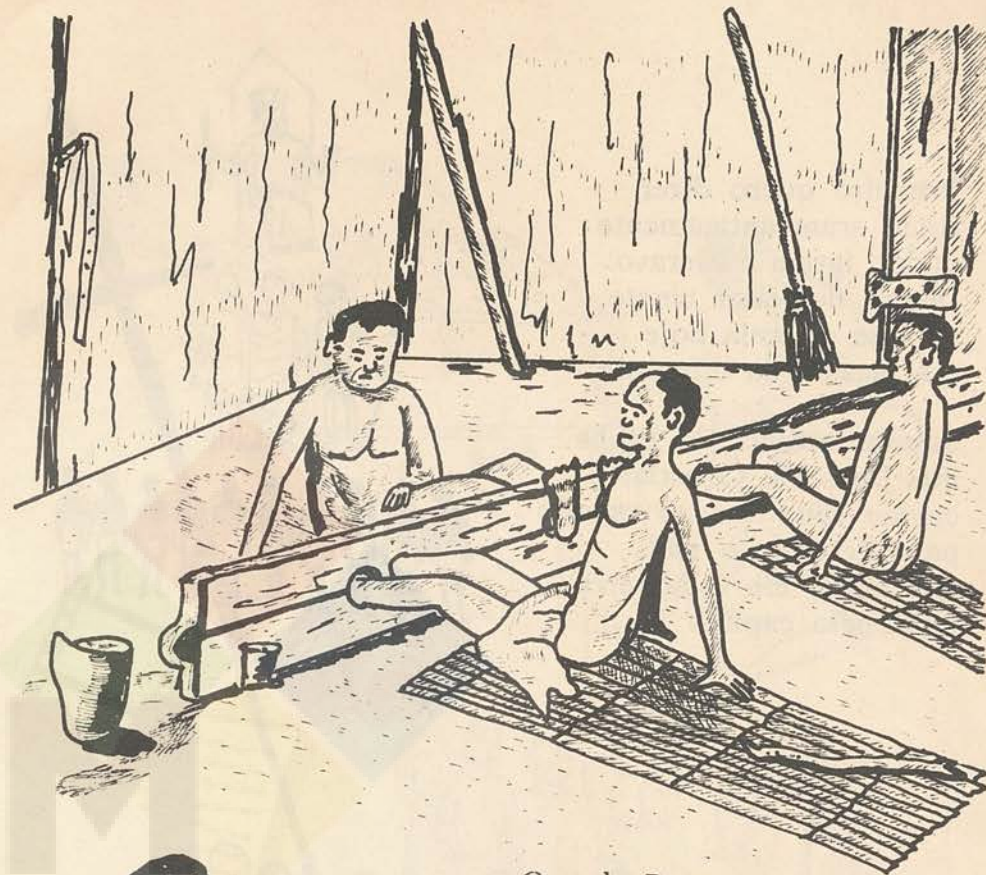
Pois bem! O cordel *Raízes da Escravidão* publicado por Edições Paulinas, com ilustrações a bico de pena feitas por Tonucci, um artista criativo e surpreendente, é mais um lançamento da CEHILA - POPULAR, organização séria que vem estudando a fundo a História da Igreja no Brasil e nos demais países latino-americanos e tem como objetivo levar ao povo a verdadeira história, tornando popular o que consta nos documentos sérios, mas pouco numerosos, que nos restam da escravidão.

Nossos parabéns à CEHILA pelo seu trabalho de divulgação da nossa verdadeira história.

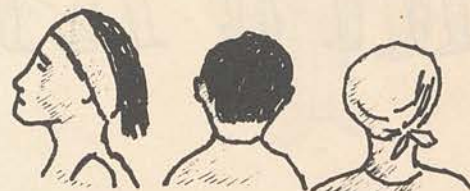
Esperamos que Edições Paulinas continue no seu esforço de publicar obras tão importantes como este cordel *Raízes da Escravidão*.

Foi Cristo quem disse: “A verdade vos libertará” (Jo 8,32).

† José Brandão de Castro, C.SS.R.
Bispo de Propriá

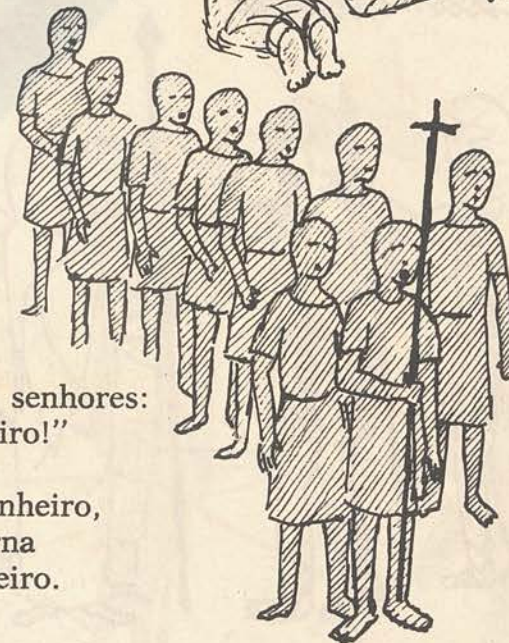
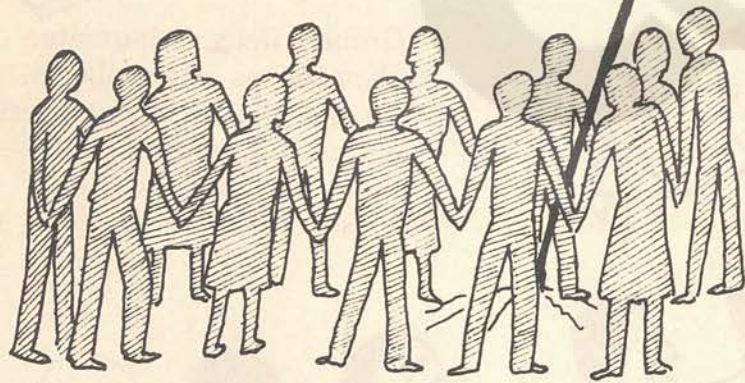


Grande Deus onipotente,
abençoi os meus planos.
Eu quero escrever em versos
um caso de muitos anos,
como sofreram no Brasil
nossos irmãos africanos.



Primeiro quero dizer
como eram antigamente
poder, igreja e escravo.
Depois do leitor ciente,
verá se a igreja hoje
é a mesma ou diferente.

Sabe-se através da Bíblia,
que Deus Pai Celestial
enviou seu filho ao mundo
para destruir o mal,
que existe em toda terra,
feito pelo capital.



“Ninguém serve a dois senhores:
ou a Deus ou ao dinheiro!”
Isso que Jesus ensina
a um grupo seu companheiro,
que concordando se torna
exemplo do mundo inteiro.



Os sinais do próprio Cristo passaram aos escolhidos: curavam, ressuscitavam, repreendiam os fingidos, morriam pela verdade, justos porém perseguidos.

Isso porque descobriram com mais profunda clareza, que Jesus foi rejeitado por preferir a pobreza, e só podia imitá-lo quem não buscasse a riqueza.



Foi assim que muitos creram na vida de santidade, e juntos com os apóstolos criaram a comunidade. Não havia entre eles nudez e necessidade.



Vendiam propriedades, e o dinheiro entregavam livremente aos apóstolos, só porque acreditavam. Os cristãos comunitários cada vez mais aumentavam.

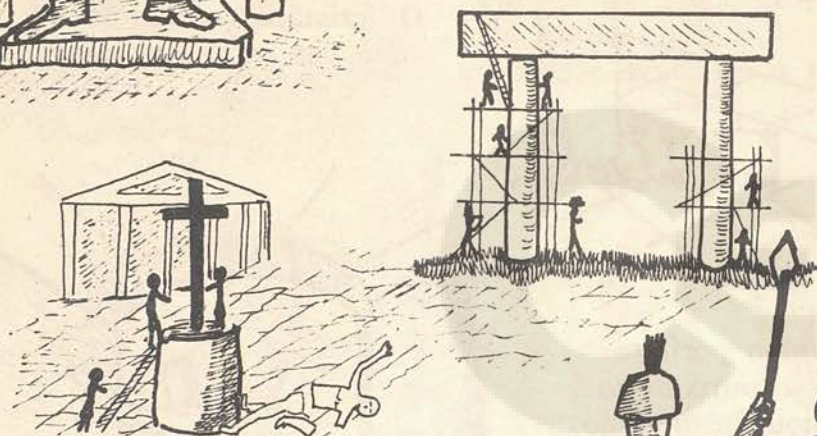
Essa união perfeita com esse puro atino continuou até quando...





Surgiu um tal Constantino que arrastou a igreja ao mais terrível destino.

Pois como imperador dizia estar convertido. Não se sabe se era trama, que planejou escondido, a fim de fazer calar um povo comprometido.



O certo é que se uniram cristãos ao imperador; em vez de perseguições, foram ter honra e valor. Recebia carta branca o evangelizador.

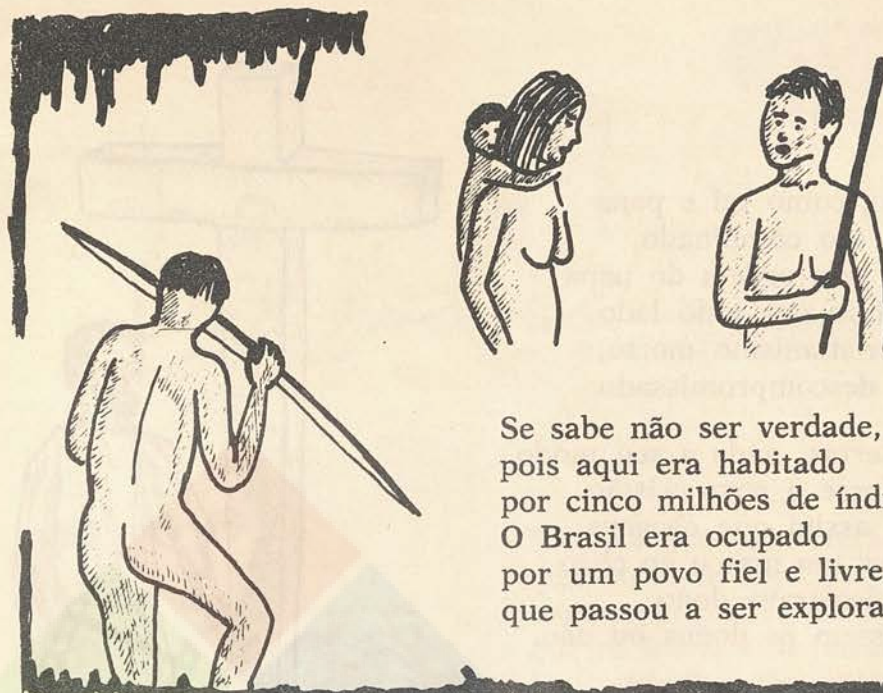


Isso se deu na Europa, terra dos brancos e nobres, os cristãos nessa aliança receberam muitos cobres, mas, como igreja, deixaram de ser igreja dos pobres.

Com esse grande escorrego, o poder dominador que só quer repartir papo com o fraco sofredor, tentou mudar o sentido da Palavra do Senhor.

É a Europa o Continente onde nasceu esse mal, e exatamente ali se encontra Portugal, onde nasceu o vaidoso Pedro Álvares Cabral.

E segundo a história fantástica e tão infantil, teria sido esse Cabral quem descobriu o Brasil, no ano mil e quinhentos, a vinte e dois de abril.



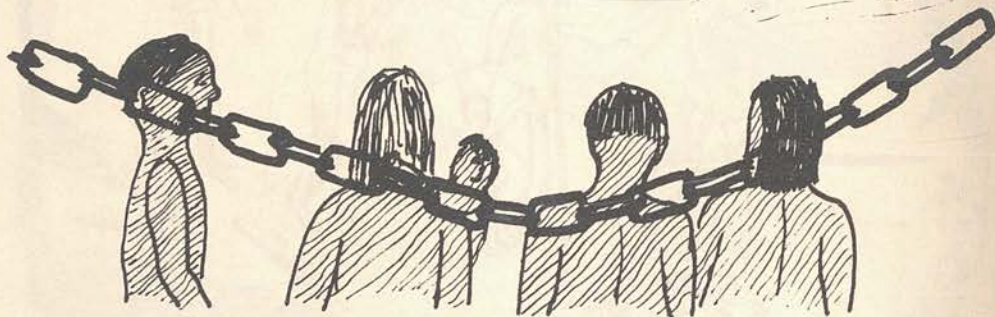
Se sabe não ser verdade, pois aqui era habitado por cinco milhões de índios. O Brasil era ocupado por um povo fiel e livre, que passou a ser explorado.



Então, como rei e papa eram eco combinado, o rei sem ordem do papa espalhou por todo lado um cristianismo morto, todo descompromissado.

Em terras, onde a seu modo não fosse o povo cristão, o rei assim que chegava fincava um marco no chão e se declarava dono, quisessem os donos ou não.

E sempre o cristianismo dos infantis invasores era fazer dos nativos seus escravos servidores; além de tomar-lhes a terra, se tornavam seus senhores.



Foi isso que eles fizeram quando aqui desembarcaram; trouxeram padres de lá que os índios catequizaram. Muitos índios não quiseram, e esses eles mataram.

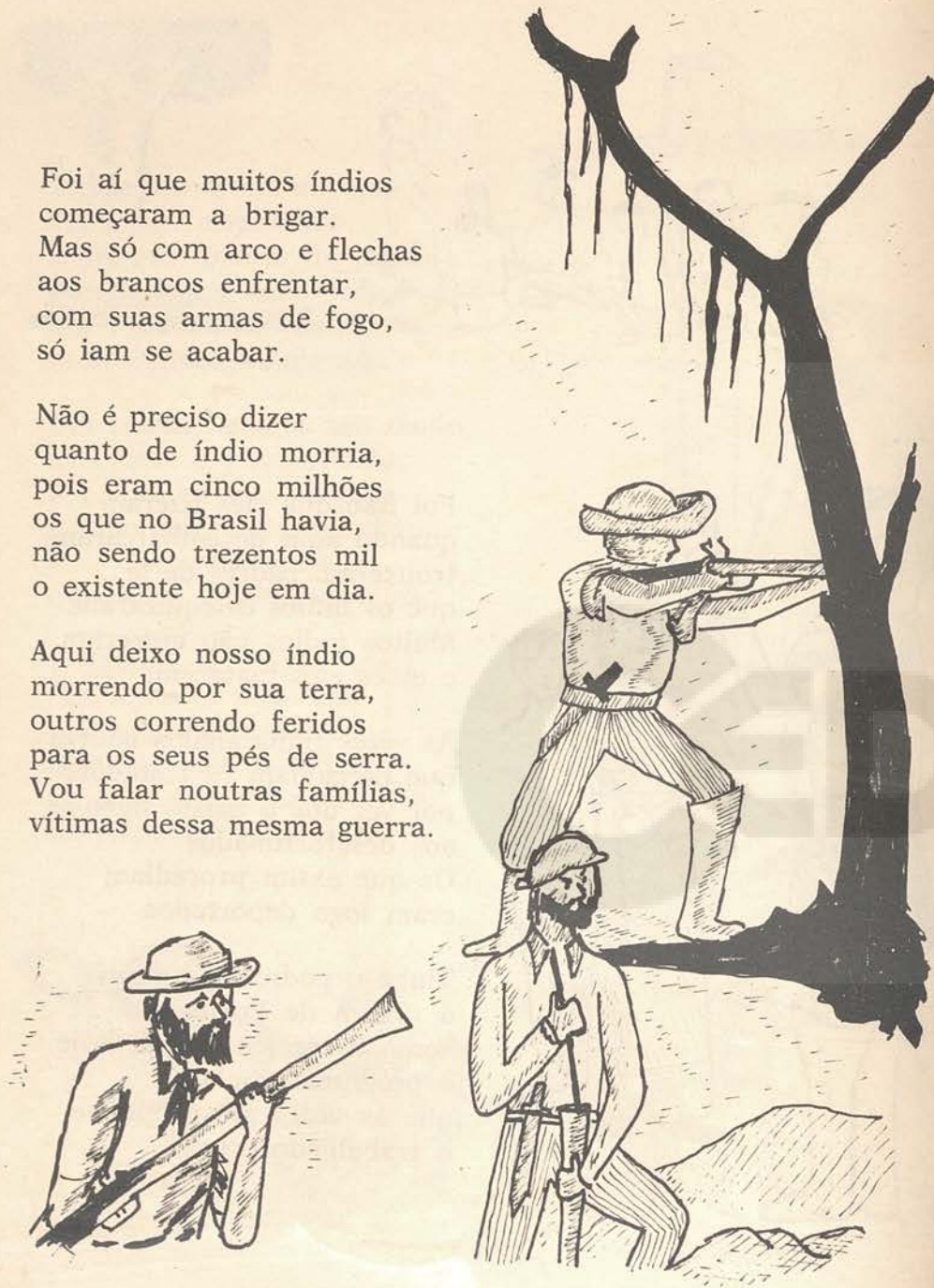
As vezes tinha alguns padres que defendiam os coitados, por ver que o Cristo ligou-se aos desafortunados. Os que assim procediam eram logo deportados.

Tinha o padre de cumprir a ordem de Portugal, como o técnico ensina hoje o programa oficial, que às vezes até prejudica o trabalhador rural.

Foi aí que muitos índios começaram a brigar. Mas só com arco e flechas aos brancos enfrentar, com suas armas de fogo, só iam se acabar.

Não é preciso dizer quanto de índio morria, pois eram cinco milhões os que no Brasil havia, não sendo trezentos mil o existente hoje em dia.

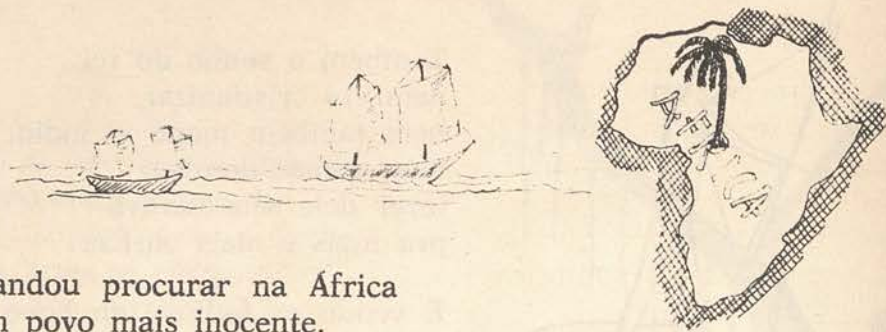
Aqui deixo nosso índio morrendo por sua terra, outros correndo feridos para os seus pés de serra. Vou falar noutras famílias, vítimas dessa mesma guerra.



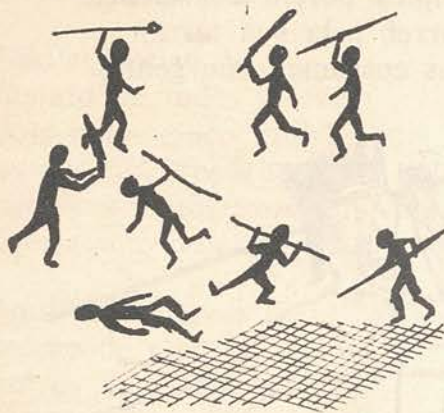
Também o sonho do rei nem era cristianizar, nem também matar o índio, mas apenas dominar, fazer dele seu escravo pra mais e mais enricar.

E vendo os índios, um povo simples porém consciente, morrer pela sua terra, seus costumes, sua gente,





mandou procurar na África
um povo mais inocente.



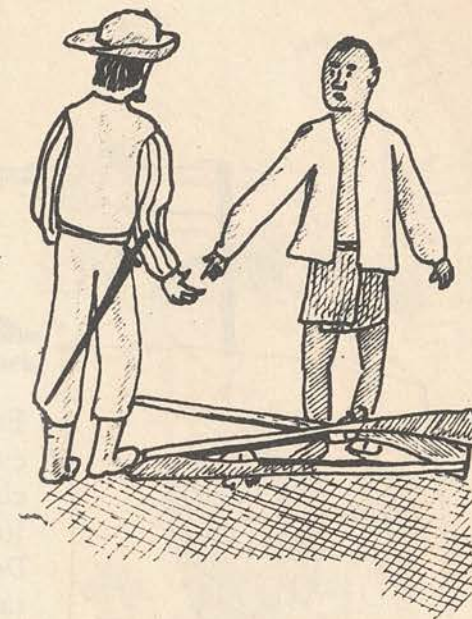
Nesse tempo os africanos,
pra sua infelicidade,
em Congo, Angola e Guiné,
não tinham comunidade,
por isso caíram fácil
no poder da crueldade.



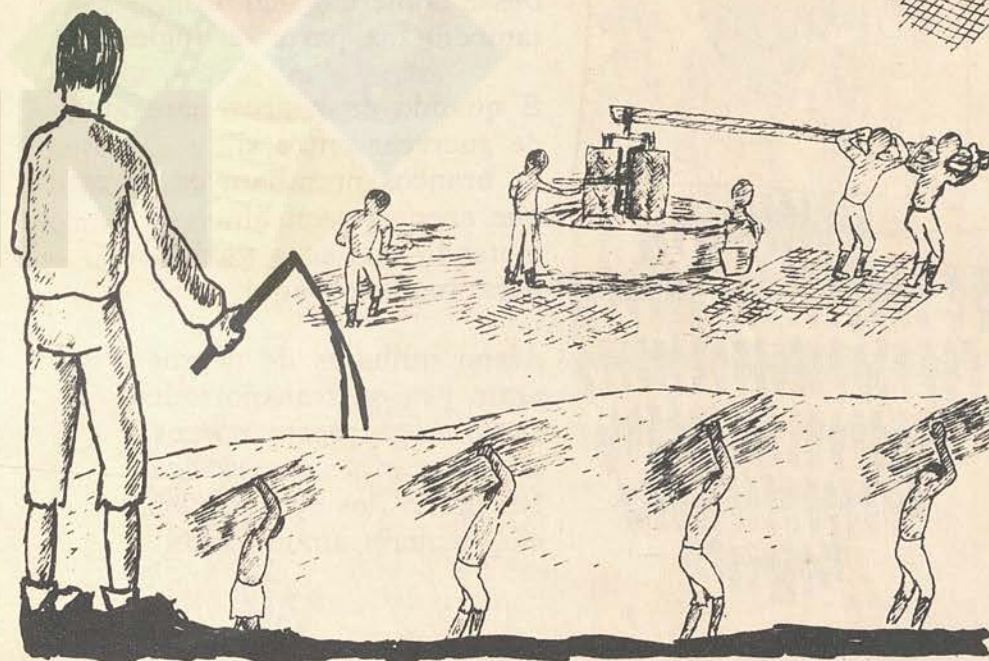
Em aldeias, como os índios,
os africanos viviam,
a diferença que tinha
é que eles não se uniam.
Brigavam tribo com tribo,
uns aos outros oprimiam.

Nessas brigas que faziam,
os negros, que triunfavam,
atacavam fortemente,
aos outros amarravam
para vender como escravos,
quando os brancos procuravam.

Essas guerras que faziam,
o povo branco atiçava:
quanto mais guerra existisse,
mais negro se escravizava.
Isso que o branco queria,
que mais barato comprava.



Tanto é que o povo branco
que veio de Portugal
deixou de escravizar índio,
porque achou afinal
com os negros ser mais fácil
formar seu canavial.





Então nos portos da África estavam os portugueses comprando negro e prendendo, junto com os holandeses. Desse comércio maldito, também faz parte os ingleses.

E quando os negros paravam de guerrear entre si, os brancos prendiam os livres que encontravam ali, metendo nos seus navios para vendê-los aqui.

Assim milhares de negros eram pra cá transportados como se carregam porcos, de mãos e pés amarrados. No porão dos seus navios, eles vinham amontoados.

Eram mal alimentados, sentiam falta de ar. Muitos, com esses maus tratos, não podiam escapar, morriam nessa viagem, eram jogados no mar.



Qualquer escravo vendido tinha de se batizar, pagava ao rei o imposto assim podia embarcar, marcado com ferro quente, para poder viajar.

Aquela marca era a prova que aquele escravizado antes de vir para cá tinha sido batizado, como também pago ao rei o imposto desejado.

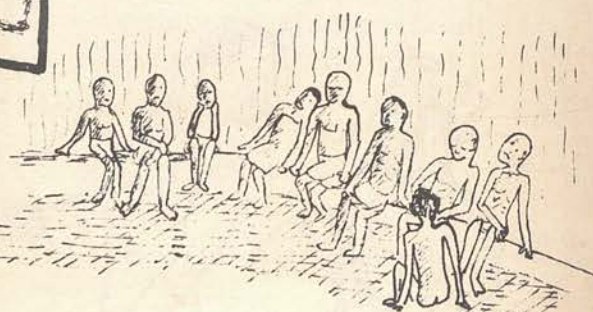




Havia padres no Brasil com a preocupação de esperar navios negreiros: ver se vinha algum pagão para fazer o batismo garantindo a salvação.

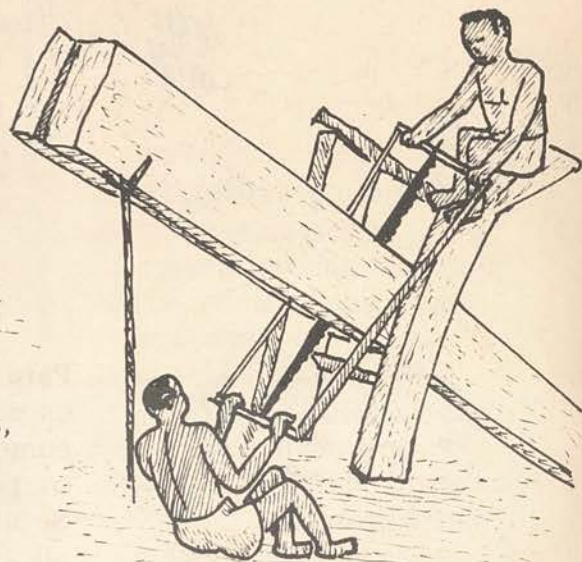
As vezes, em contrabando, vinham negros sem pagar. Quando o navio apontava, ia o padre batizar, junto ia o senhor de engenho para comprá-lo e ferrar.

Quando os negros desciam das cruéis embarcações, iam ao mercado de escravos. Lá, em pequenos salões, ficavam presos até quando fossem vendidos em leilões.



Para diversos engenhos os negros eram levados, como por vários senhores os pobres eram comprados. Se alguns tivessem famílias, ali eram separados.





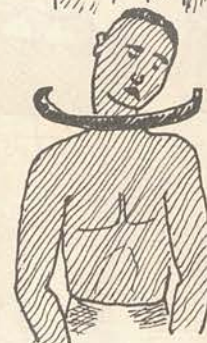
Nas lavouras e nas artes,
era um povo preparado!
Teciam pano grosseiro,
faziam móvel asseado,
em comparação ao índio
davam melhor resultado.



Quem comprasse qualquer negro,
tinha direito de jogá-lo
nos trabalhos mais pesados!

Se fugisse, ia pegá-lo,
dava castigos terríveis,
se quisesse até matá-lo!

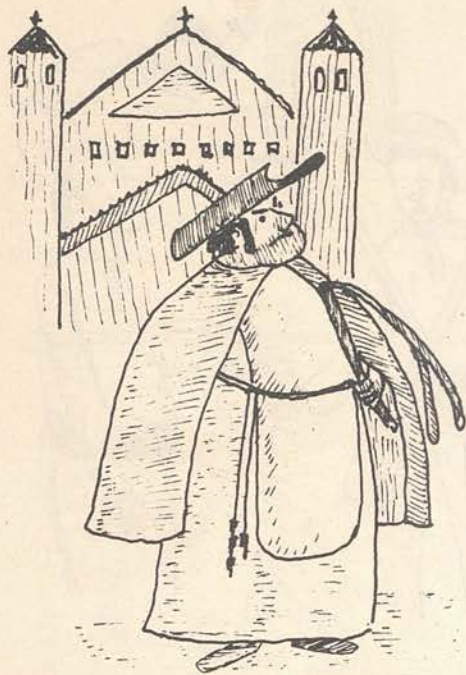
Tinha o capitão do mato,
sempre a serviço do nobre.
Como o soldado de hoje
que, por um mixado cobre,
fica filho do governo
para espancar outro pobre.



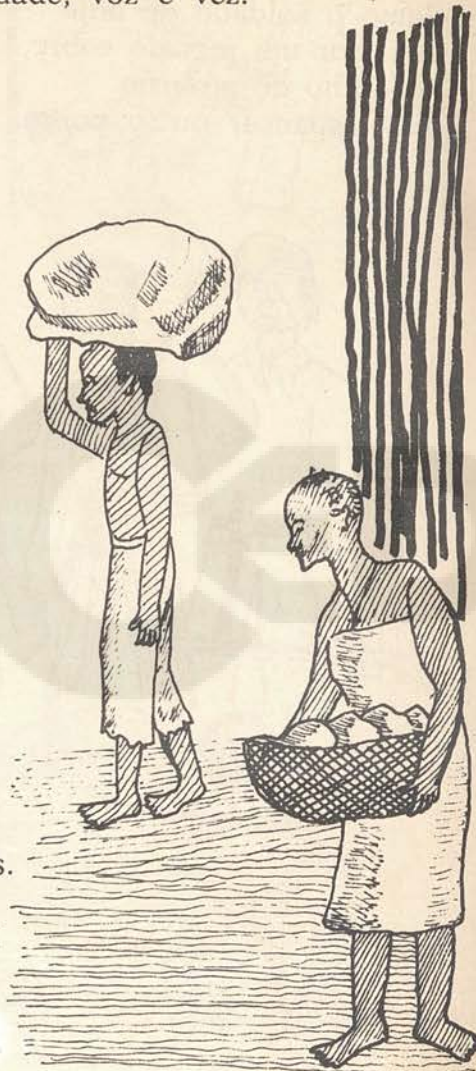
Assim muitos nos engenhos
suportavam crueldades.
Aqueles que tinham artes,
levavam para as cidades
pra fazer coisas que os brancos
tivessem necessidade.



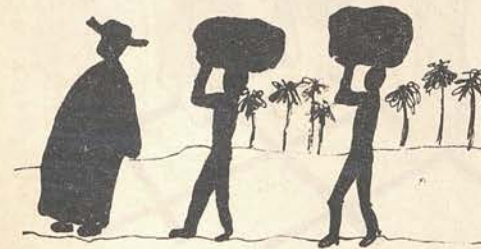
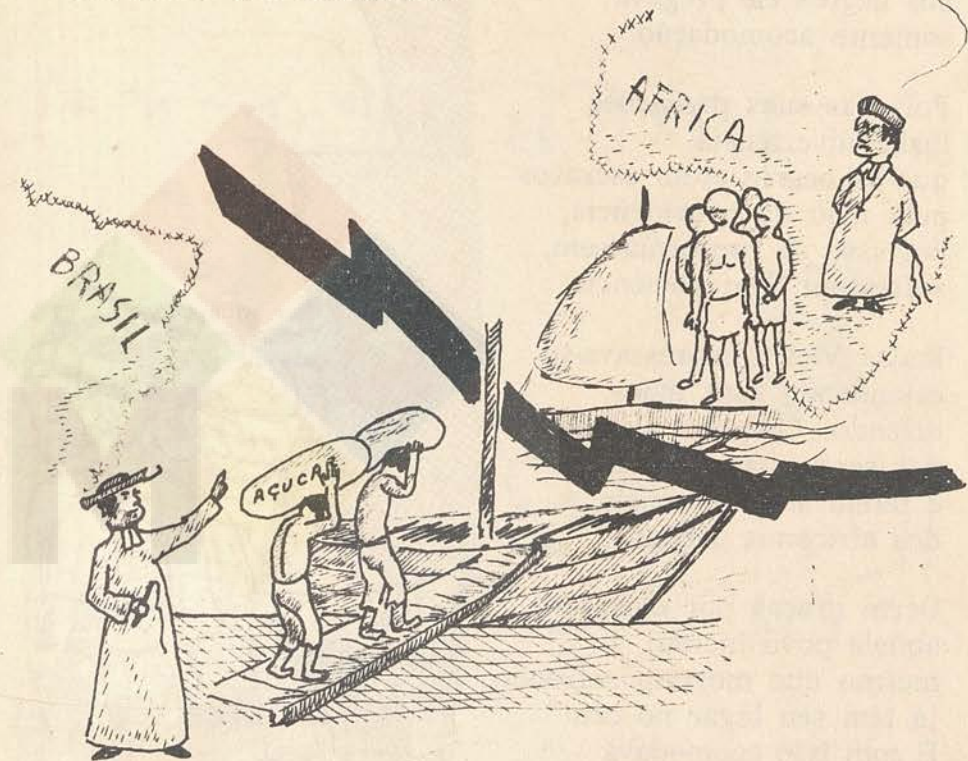
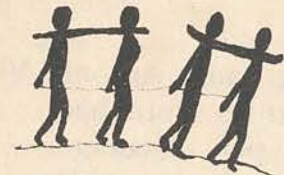
Em todo esse tempo,
no regime português,
Jesus sofreu nesses pobres.
A igreja nada fez,
negou que eles tivessem
liberdade, voz e vez.



Se bem que para os índios
alguns padres foram humanos.
Nada de humanidade
com os nossos africanos.
Pelo contrário, até houve
padres que foram tiranos.



Muitos padres jesuítas
eram tão comprometidos
com os senhores de engenho
e não viam mais sentido
de levantar sua voz
em favor dos oprimidos.



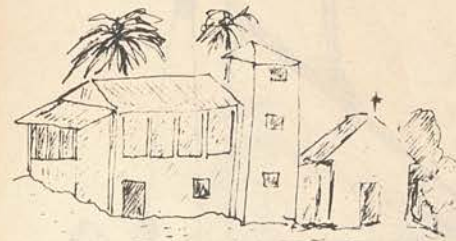
Também os padres da África
aos do Brasil tomavam
até dinheiro emprestado,
e muitas vezes pagavam
com os coitados escravos
que para cá enviavam.

Como o padre Antônio Vieira, que saiu do Maranhão expulso por defender os índios da escravidão, aos negros ele pregava somente acomodação.

Pois nas suas pregações fazia advertência, que os negros eram escravos pela mão da providência, por isso se conformassem, sofressem com paciência.

Padre Vieira expressava-se estendendo suas mãos, dizendo: "Fiquem alegres por serem agora cristãos e terem saído do meio dos africanos pagãos.

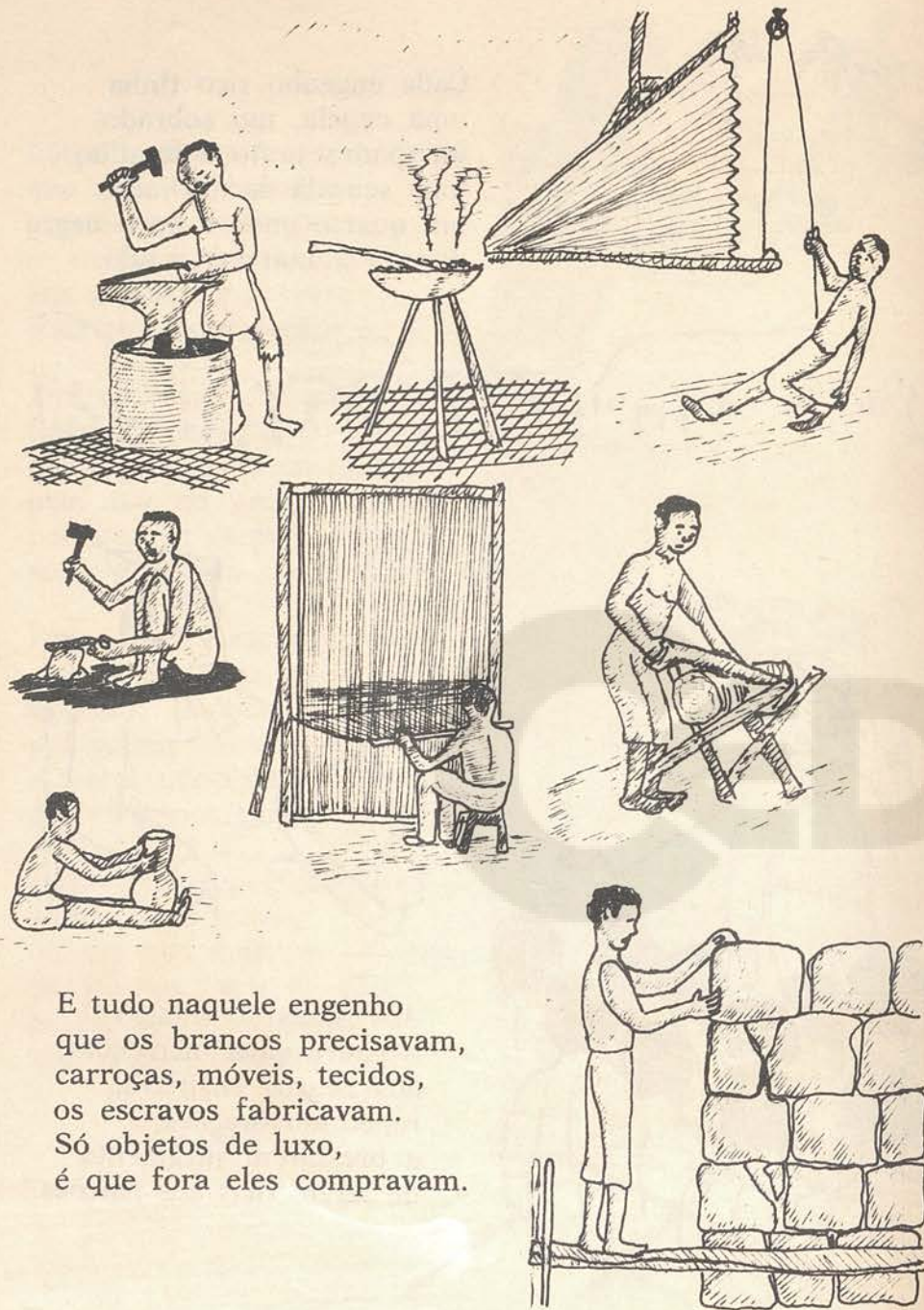
Dêem graças por deixarem aquele povo incrêu; mesmo que morram sofrendo, já têm seu lugar no céu!" E com isso acomodava todo aquele povaréu.



Cada engenho rico tinha uma capela, um sobrado, um padre junto à família, uma senzala de um lado, um quarto onde o povo negro dormia à noite trancado.



Aos filhos do fidalgo o padre dava instruções; aos negros ensinava, repetindo orações, a prestarem juramento de serem fiéis aos patrões.



E tudo naquele engenho que os brancos precisavam, carroças, móveis, tecidos, os escravos fabricavam. Só objetos de luxo, é que fora eles compravam.



A religião dos negros não era o catolicismo. Dentro dos seus corações eles tinham o feiticismo, religião que aqui se chamava espiritismo.

Por isso os padres queriam uma só religião: ser católico de verdade, não faltar à devoção, ouvir missa nem que fosse levado no empurrão.



Assim ensinavam aos negros a sofrer com humildade. Negavam amor e justiça, união, fraternidade, humanidade e esperança, consciência e liberdade.

Pra não serem castigados os negros obedeciam, embora contra vontade a religião seguissem, mas do candomblé da África eles nunca se esqueciam.



Uns queriam ser católicos por causa do cativo; pois o bem-obediente podia ser jardineiro ou ficar na casa grande servindo de cozinheiro.



Ainda outras vantagens: eles tinham que parar para assistir uma festa, ouvir missa, confessar. Só nessas datas podiam dos trabalhos descansar.

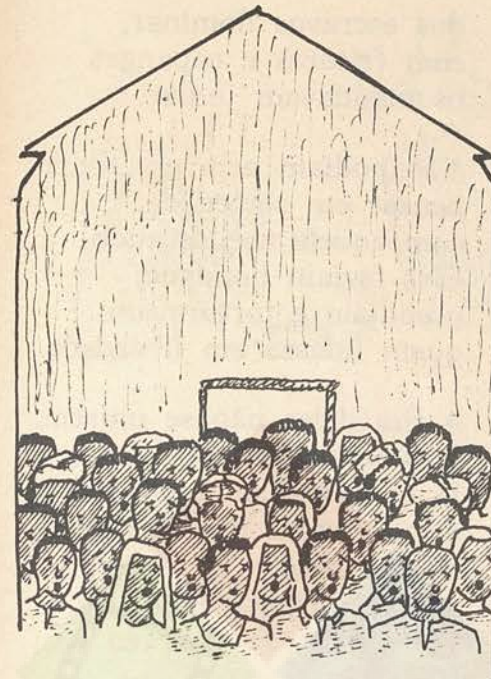
Assim findavam aceitando seguir o catolicismo, embora sem esquecer os cultos do feiticismo. Essa mistura ganhou o nome de sincretismo.





Tanto é que as imagens dos santos: Sebastião, santa Bárbara, são Jorge e Senhora da Conceição, os africanos adoram em sua religião.

Só que aqui eles adoram sem pensar nada de cá. Senhora da Conceição para eles é Iemanjá, santa Bárbara é Iansã, deuses que adoram lá.



O que a eles atrapalhava eram as muitas diferenças,

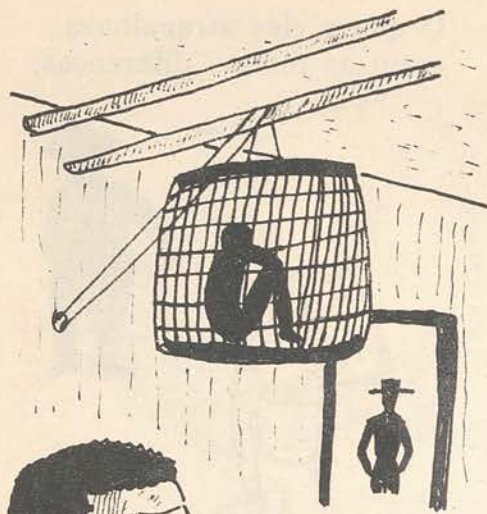


porque mesmo lá na África havia diversas crenças. Ser católico, nesse caso, tinha menos desavenças.

Os brancos viram aí, numa só religião, que os negros iam unir-se e tornar-se um povo irmão, correndo o risco mais tarde criarem a libertação.

E assim com esse medo dos negros se libertar, usavam novas maneiras





dos escravos dominar,
com feitores e capangas
os mandavam judiar.

Não podiam nem em sonho
pensar em sociedade,
com aquele aceitar tudo.
Eles faziam bondade,
prendiam e torturavam,
quem falasse em liberdade.

A fim deles não se unirem,
provocavam divisões,
já que existiam escravos
de diferentes nações.
Beneficiavam uns
pra se tornar espões.



As vezes, os donos de engenhos
aos poucos toleravam
os cultos dos africanos,
pra ver se não reforçavam
união como católicos;
isso os padres não gostavam!

Pode-se saber a causa
dessa incompreensão:
é que os padres queriam
uma só religião,
enquanto o dono de engenho
só queria produção.

Pois até os alimentos
eles tentavam negar.
Davam pedaços de terra
para os negros cultivar,
tirando dela o sustento
para se alimentar;





porém só aos domingos e nas noites de luar. Com isso ficavam livres os negros se organizar. Mas esse plano a igreja também veio a protestar.



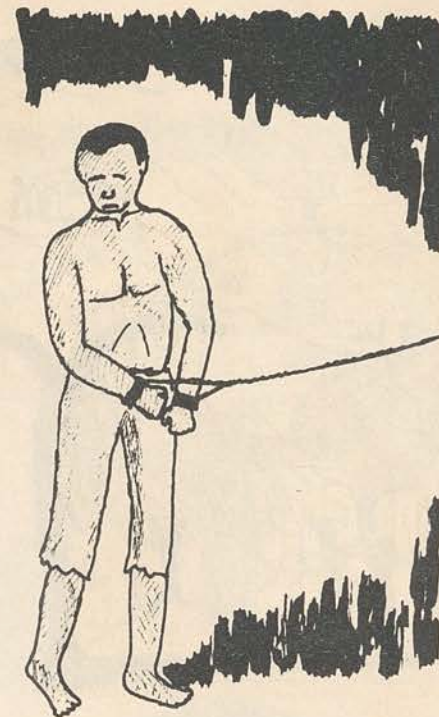
Eles também não queriam que os negros fossem casados, pois com laços de família iam ficar reforçados, e com isso poderiam um dia ser libertados.



Para o escravo fugir também não adiantava. Tinha o capitão do mato que o fugitivo pegava, de pé e mãos pra trás em tronco lhe amarrava.

Depois num poste de pedras deixava-o dependurado, preso à corrente de ferro ali era chicoteado. O padre ainda dizia que o negro era ousado!

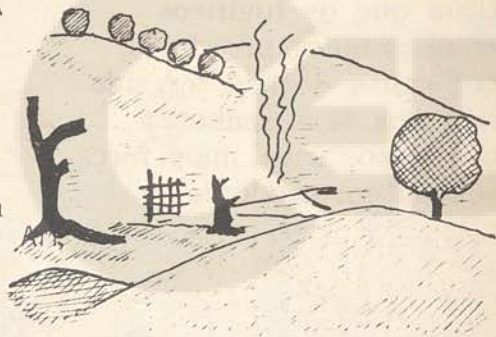
Dizia que os fugitivos eram grandes pecadores, por causa de não ter sido fiéis aos seus senhores. Com isso, dava mais força àqueles torturadores.





Apesar de tudo isso, sempre os negros conseguiam escapolar dos engenhos. Para bem longe corriam, por dentro das matas virgens os coitados se escondiam.

Então naquele lugar, onde viviam escondidos, faziam aldeamentos, por quilombos conhecidos. Quando os brancos descobriam os deixavam destruídos.



Quando os brancos conseguiam um quilombo acabar, os negros, que no combate conseguiam escapar, corriam e construíaam outro, em outro lugar.



Entre todos, o maior quilombo dos africanos, foi Quilombo dos Palmares, que durou quase cem anos. O mesmo foi destruído pelos soldados tiranos.

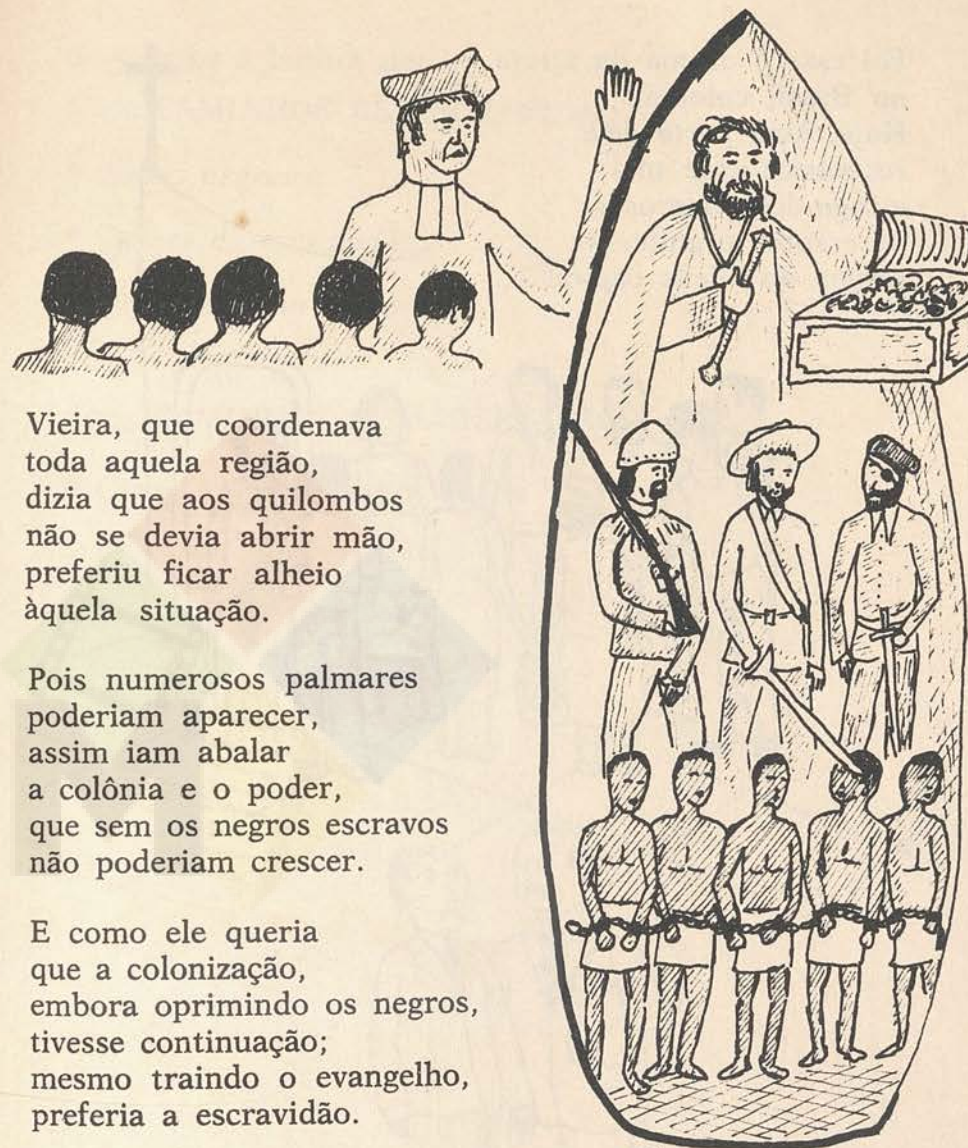
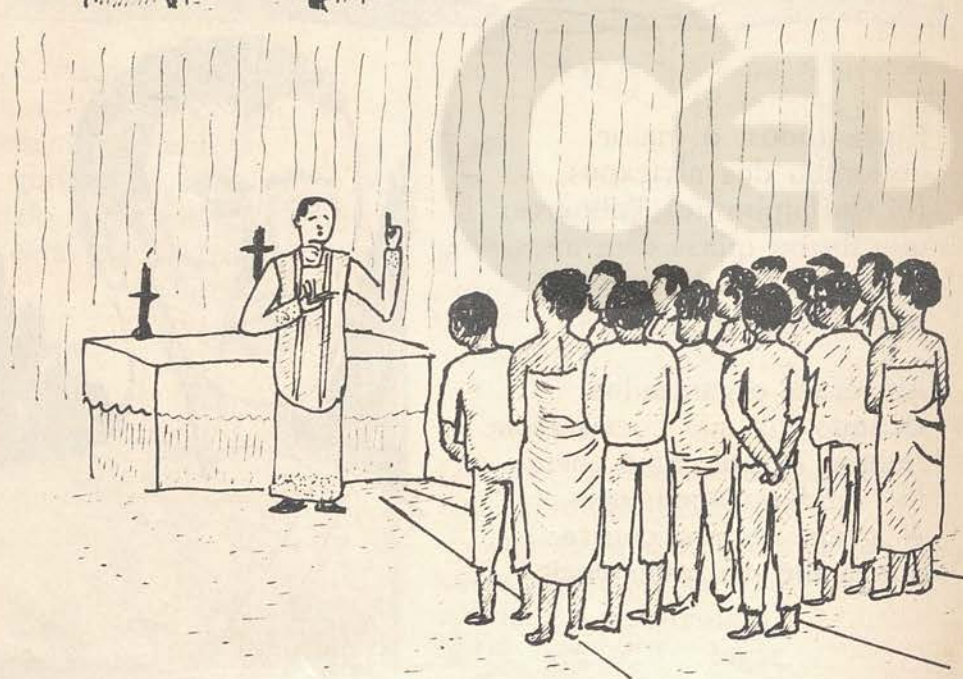
Ali, eram organizados. Quando, na sua coexistência, tinham Zumbi como chefe, lhe rendiam obediência. A igreja sempre contra, nunca lhe deu assistência.





Às vezes um quilombola
a um padre raptava.
Com todo zelo e carinho
ao quilombo o levava,
que dava-lhes sacramentos
e a missa celebrava.

Houve um padre jesuíta
que tomou resolução
de assistir nos quilombos
de todo o seu coração,
mas padre Antônio Vieira
não lhe deu a permissão.



Vieira, que coordenava
toda aquela região,
dizia que aos quilombos
não se devia abrir mão,
preferiu ficar alheio
àquela situação.

Pois numerosos palmares
poderiam aparecer,
assim iam abalar
a colônia e o poder,
que sem os negros escravos
não poderiam crescer.

E como ele queria
que a colonização,
embora oprimindo os negros,
tivesse continuação;
mesmo traindo o evangelho,
preferia a escravidão.



Foi esse o drama da igreja
no Brasil colonial!
Hoje, uma parte dela
reconhece esse mal
e foge dos poderosos,
opressores orgulhosos,
servos do "deus capital".



Sugerimos a leitura de:

Série CAMINHOS DE ESCRAVIDÃO

- *Navio negreiro*
- *Raízes da escravidão*
- *Um povo sem rosto*

Série CAMINHOS DE LIBERTAÇÃO

- *Quando os atabaques batem*

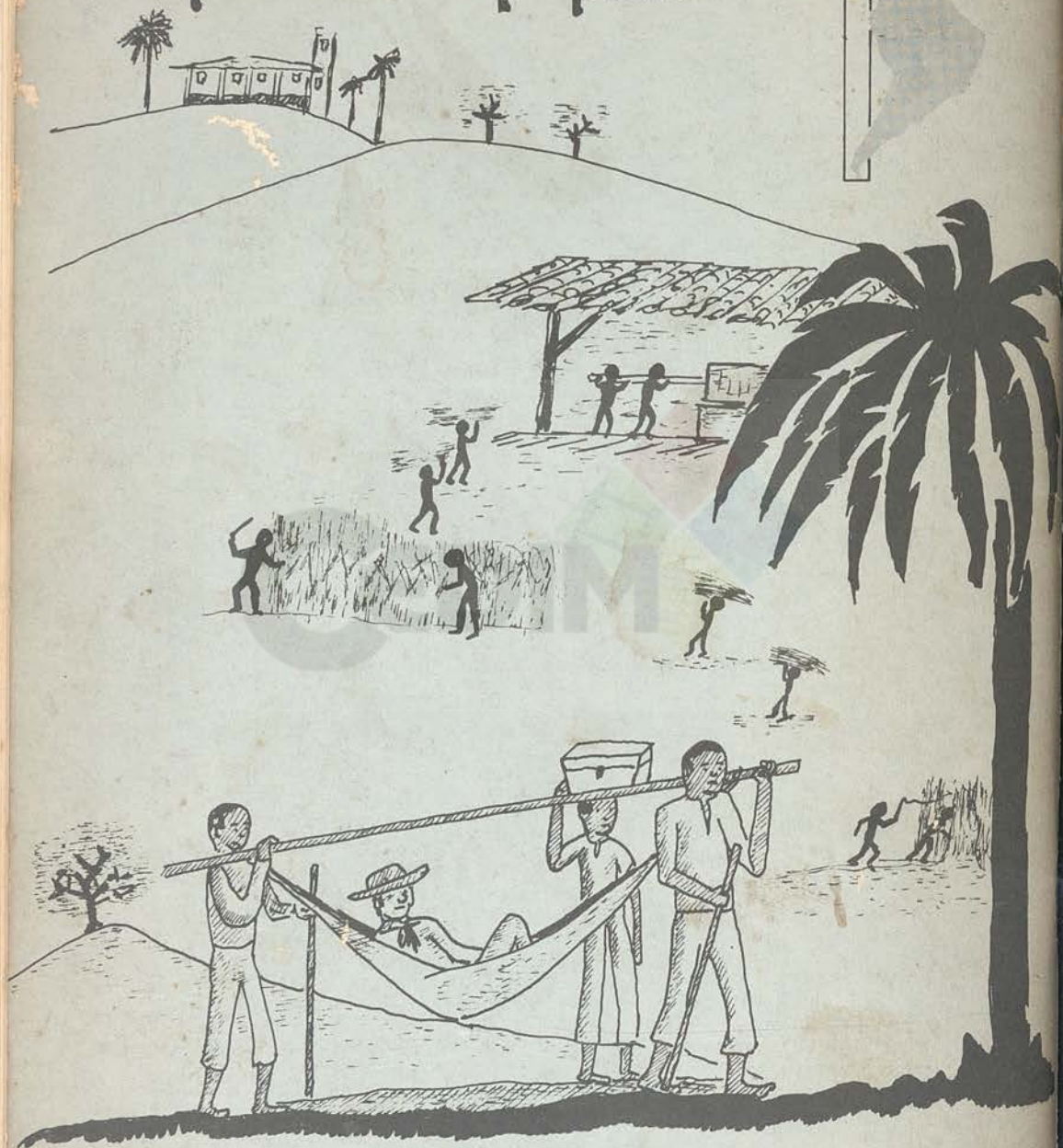
CECIM



Impresso na Gráfica de Edições Paulinas - 1984

BR 116, Km 125 - 95100 - Caxias do Sul - RS

CEHILA publicação popular



UMA HISTÓRIA DOS OPRIMIDOS